

O papel do museólogo na consolidação do documento histórico em patrimônio cultural: desafios e perspectivas do tempo presente.

Priscila C. OLIVEIRA*, Caroline Rippe de MELLO^a

*Graduação em andamento em Museologia (UFRGS, 2009) e estagiária no Museu da (UFRGS 2011)

Filiação: Marília Chagas Oliveira e Ademar de Deus Oliveira

Endereço: Avenida do Forte, 697/306 – Vila Ipiranga

E-mail: Priscila.oliveria@ufrgs.br

^a Mestrado em História em andamento (Unisinos, 2011), licenciada e bacharel em História (PUCRS, 2009), Graduação em andamento em Museologia (UFRGS, 2009)

Filiação: Lenir Conceição Rippe Mello e Robson Baeta de Mello

E-mail: carolinerippe@hotmail.com

Resumo

Este trabalho tem por objetivo expor a experiência de pesquisa e trabalho de preservação de coleções documentais junto ao Museu Universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As referidas coleções referem-se à história e trajetória da Universidade, da “Faculdade de Filosofia”. O teor documental dessas coleções é variado, pois seu período se estende desde a década de 1920 a aproximadamente 1970, assim como seus assuntos, contendo atas, correspondências e até mesmo textos e recortes jornalísticos e midiáticos. No decorrer do trabalho com esse acervo documental, podem-se destacar duas intervenções que foram feitas nele – a pesquisa e a conservação/restauração; que num futuro próximo se manifestarão no meio social e coletivo através da divulgação e comunicação desse trabalho buscando sua futura utilização por pesquisadores e comunidade em geral, caracterizando assim, a pesquisa museológica e a educação patrimonial.

Palavras-Chave: UFRGS, História, Documentação, Educação, Patrimônio, Museologia. (tirar uma palavra)

Abstract

This paper is presenting the experience of research and preservation work of documentary collections at the Museum of the Federal University of Rio Grande of South. These collections are related to the History and trajectory of the University, from the "Faculty of Philosophy". The content is varied collections of documents such as your period extending from the 1920s to about 1970, like its subject, containing minutes, correspondence and even newspaper clippings and texts and media. During the work with this documentary, one can highlight two interventions that were made in research and conservation restoration; that in the near future will be manifested in the social and collective, through the dissemination and communication of this work by looking for their future use researchers and the general community, thus characterizing the museum research and education equity.

Keywords: UFRGS, History, Documentation, Education, Heritage, Museology.

1. Introdução

Quando se fala em documentação, lembramos imediatamente do Arquivo Documental, local onde se armazenam os documentos de caráter legal, com importância histórica, que somente são acessados com aviso prévio e sem divulgação anterior. Sua importância é mais destacada no âmbito legal e individual, com responsabilidades patrimoniais menos delimitadas. Já no museu, a documentação ali preservada, carrega consigo um tempo cronológico muito antigo que parece não alcançar as necessidades atuais, mas que por isso, necessita de uma maior divulgação e interpretação para, então, tornar-se elemento essencial no processo da educação patrimonial.

Nesse sentido, a documentação histórica que está inserida no museu é pensada de maneira diferente, pois: “A principal meta dos museus é a educação e a transmissão de informação e do conhecimento, por todos os meios disponíveis” (SCHEINER, 2009, p. 47), assim é necessária a reflexão sobre o papel do museólogo na preservação e comunicação desse acervo, que se mostra único e essencial na constituição e consolidação da história da universidade tornando-se patrimônio cultural da UFRGS.

Assim, tendo em vista essa reflexão, este ensaio, esse artigo busca apresentar o trabalho de recuperação e organização do acervo documental da antiga “Faculdade de Filosofia” da UFRGS pelas estagiárias do curso de Museologia da Universidade supracitada, com orientação das professoras Marlise Giovanaz e Jeniffer Cuty e com supervisão da equipe do Museu da UFRGS. O trabalho efetuado nas dependências do Museu Universitário e suscitou reflexões museológicas mais amplas, que buscam entender a importância dessa documentação para a história da universidade, sob o olhar do museólogo.

2. A história contata pelo acervo - seu caminho na Universidade

A coleção reconhecida por sua origem da “Faculdade de Filosofia”, conta um pouco da trajetória da universidade principalmente nos anos de 1920 – 1970. Esta coleção é caracterizada por livros de atas, correspondências, recortes de jornais, boletins e desempenho de alunos que passaram na Universidade, professores e colaboradores. Essa documentação em sua grande maioria está encadernada, sendo de fácil manuseio, outras precisam de pequenos reparos por estarem um tanto danificadas.

Esse acervo já passou por inúmeros pesquisadores, que criavam suas “comissões” e grupos de pesquisa para analisar essa documentação. A primeira criada foi a Comissão de História em 25 de abril de 1977 pelo reitor Homero Sá Jobim, que “tinha como objetivos recolher, classificar e recuperar a documentação e material pertinentes à origem e ao desenvolvimento da UFRGS”. Segundo a normativa sobre documentação, “nenhum documento ou qualquer outro material de valor histórico, existente nos arquivos ou dependências das unidades universitárias, poderá ser destruído ou inutilizado, sem a prévia audiência da Comissão de História da Universidade”. A Comissão também tinha amplos poderes para promover o tombamento e a recuperação de elementos julgados de interesse histórico. O primeiro coordenador designado para a comissão de História foi o prof. Dante de Laytano.

Na administração do Reitor Francisco Ferraz, a Comissão de História foi transformada em Projeto Especial ligado ao Gabinete do Reitor. Também na mesma época criou-se a Associação dos Antigos Alunos, cuja coordenação ficou com o prof. Pery Pinto Diniz e o Projeto de Recuperação do Acervo da Universidade, que ficou com o acervo da Comissão de História, com coordenação a cargo do Prof. Mozart Pereira Soares. Na gestão seguinte, a Profa. Sandra Jatahy Pesavento foi convidada a coordenar o Projeto Especial de Recuperação do Acervo, a qual logo se transformou em Núcleo de Documentação e Memória Social.

Dessa forma, criou-se em 1989 o Núcleo de Documentação e Memória Social, a partir do Projeto Especial de Recuperação do Acervo, o Núcleo tinha como objetivo geral a preservação da memória social¹ e levantava a necessidade de criar um centro de documentação, organizado como um núcleo de documentação e memória social, que seria o embrião de um Museu de Memória Social. O acervo da Comissão de História foi incorporado ao Núcleo de Documentação. O Núcleo organizou exposições fotográficas a partir de projetos de pesquisa desenvolvidos pelo Departamento de História, que geraram um acervo fotográfico que foi catalogado e disponibilizado para consulta pública. As temáticas das exposições eram as seguintes: Indústria RGS, Exposição Fotográfica de Escravo a Liberto, Exposição Fotográfica República Verso e Reverso.

A partir de 1993, o Núcleo de documentação foi absorvido pelo Museu Universitário, adquirindo, portanto novo status e função social, ampliando suas atividades, que envolvem a partir daí, preservação, pesquisa e comunicação. Essa documentação foi analisada pelas diretoras do Museu da UFRGS posteriormente – Cláudia Aristimunha e Lígia Ketzer, que fizeram um primeiro trabalho de higienização e inventário de parte da coleção. Após esse período, como o museu ficava num local não apropriado – salão de festas da Reitoria da UFRGS, a mesma acabou ficando exposta às intempéries do tempo e das próprias pessoas e funcionários da universidade que freqüentavam o local, nesse período a documentação sofreu danos severos de fungos e principalmente insetos.

No ano de 2002 o museu é transferido para um prédio mais adequado para seu funcionamento, local esse onde ficaria apenas o museu e nenhum outro setor da universidade adjacente, com sua reserva técnica e demais setores devidamente freqüentados apenas pelos funcionários do próprio museu. Dessa forma, a documentação da Faculdade de Filosofia ganhou um espaço apropriado para ela dentro

¹ O conceito de Memória Social como visto no tem origem no pensamento de Maurice Halwachs vindo da Sociologia de Durkheim e trata de uma abordagem da memória como um substrato de conhecimento coletivo e culturalmente conhecido por determinado grupo em certo contexto social. Difere da forma cognitiva de estudo da memória como associada a atenção e a percepção (HALBWACHS, 1990).

de uma reserva técnica mais apropriada, e desde 2002 ficou nesse local sem ser trabalhada novamente.

Atualmente em 2011 quando as proponentes desse trabalho foram realizar o estágio do curso de museologia da UFRGS no museu é que essa documentação foi novamente revelada e trabalhada. Iniciou-se assim um novo processo de higienização e pequenos reparos que as condições de outrora havia causado aos documentos. Dessa forma, foi feito um planejamento de ação sob os documentos a fim de conservá-los por mais tempo, o restante da documentação que abrange em torno de 70% está sendo inventariada e registrada conforme os moldes desenvolvidos anteriormente pelas diretoras em fichas de inventário do próprio museu. Hoje a documentação foi toda higienizada e os livros que continham danos severos foram reparados e estão em processo de inventário e etiquetagem das obras, a fim de organizar melhor sua própria visibilidade na reserva técnica. E há um planejamento das diretorias do museu em disponibilizar esse inventário no site do museu, facilitando o acesso e a informação que contém esses documentos.

Essa documentação necessita ser publicada, pois é passível de grandes pesquisas na área sobre a arquitetura da universidade e sua própria administração interna, pois apresentam em seu *corpus documental* os processos pelos quais a universidade construiu seu patrimônio e como ela evoluiu ao longo do século XX. Esses documentos que estão encadernados em formato de livros de atas, fazem parte da história da universidade, por isso há essa preocupação em divulgar que essa documentação está no museu e pode ser acessada para estudos e pesquisas.

3. O papel do museólogo na preservação do patrimônio documental

O imaginário que se propagava do museu e que permanece ainda pairando pela sociedade é o de um lugar destinado a guardar o passado distante, inacessível e, por

muitas vezes, sem sentido para o tempo presente. A documentação histórica também carrega o fardo de ser “antiquada” para a historiografia atual, sendo sempre associada ao velho, sem função social e que precisa apenas ser guardada, por isso a primeira idéia associada ao seu lugar: o arquivo histórico. Com esse problema vem a grande responsabilidade atribuída ao museólogo no processo de incorporação de documentos históricos no espaço museu, levando-os a serem entendidos como patrimônio:

O cidadão é um ser político, ou seja, ele é responsável, individual e coletivamente, por seu presente e por seu futuro. Para isso, precisa reconhecer, respeitar e utilizar o patrimônio que o definem sua diferença e o inscreve em uma continuidade. (VARINE, 2000, p. 7)

Em virtude dessa caracterização sobre a documentação e sua importância para a preservação da história recente da universidade é que o trabalho, fundado no tripé da Museologia, efetuado pelo museólogo se destaca dos demais profissionais da “memória”. Sua intenção não é apenas recebê-los, conservá-los e preservá-los, mas perpassa o exercício do olhar e do interpretar o patrimônio, pois leva, conforme Murta (2002), à popularização do conhecimento e a preservação do patrimônio, instigando a atitudes de respeito e proteção.

Esta documentação histórica recuperada e reorganizada tornar-se-á parte integrante do acervo do Museu Universitário da UFRGS e para tal precisa pertencer e estar disponível à comunidade que a universidade representa. Essa função aqui indicada como própria do museólogo, deve interligar interior e exterior em todas as práticas museológicas do preservar, pesquisar e comunicar, que faz “revelar o jogo sutil entre lembrança e esquecimento como algo relevante para as pessoas” (ROCHA & ECKERT, 2005).

Assim, o museólogo tem atuação destacada no ato de dar caráter patrimonial ao acervo, fazendo assim com que, muitas vezes, até mesmo no âmbito arquitetônico,

como é o caso das edificações e dos espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ou seja, sua estética possa ser explicada, atribuindo uma significação com sentido às coletividades.

4. Conclusão

Portanto, pensar a documentação a partir do olhar do museólogo e de suas responsabilidades, nos possibilita um novo viés e utilidade para essa tipologia de acervo levando assim, a modificação do imaginário de que museus e documentos históricos não têm utilidade para o tempo presente, dando um sentido a eles.

Percebe-se assim, que o museólogo pode auxiliar mais ativamente na construção de identidades, a partir das descobertas proporcionadas pelo preservar, interpretar e comunicar o acervo documental, juntando-se, claro, às outras áreas de conhecimento, onde cada um gera valores específicos ao acervo.

Finalizamos expondo que seu papel engloba não apenas a noção reflexiva acerca da documentação, mas ressalta seu valor e caráter patrimonial² e sua função na comunidade do entrono, que a UFRGS representa.

² A escolha de um bem patrimonial, sempre é algo pautado perante uma política específica de cada instância que irá aprová-la, no caso da UFRGS, os meios que decidem o que será patrimoniado ou não vêm de um órgão específico dentro da universidade – a Secretaria do Patrimônio.

4. Referências

- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- FILHO, Manuel F. L; ECKERT, Cornélia; BELTRÃO, Jane F. (Org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra, 2007.
- MURTA, Estela M. G. B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, Estela M, ALBANO, Celina (org.). *Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: UFMG; Território Brasilis, 2002.
- POSSAMAI, Z. R. (Org.); LEAL, E. (Org.). *Memória Social*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 2000.
- SCHEINER, Teresa, C. M. Museologia ou Patrimoniologia: Reflexões. In: MAST. *Museu de Astronomia e Ciências Afins*. Museu e Museologia: Interfaces perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009
- THIESEN, Icléia. Museus, Arquivos e Bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento. In: MAST. *Museu de Astronomia e Ciências Afins*. Museu e Museologia: Interfaces perspectivas. Rio de Janeiro: MAST, 2009